

A gradação da crítica no discurso parlamentar português: entre ironia, sarcasmo e humor

ANA BRAZ
ana.braz@uab.pt

Doutorada em Ciências da Linguagem pela Universidade do Minho, Portugal, e em Estudos Portugueses, Brasileiros e da África lusófona pela Université Paris 8, França (2017)
Professora Auxiliar Convidada da Universidade Aberta, Portugal
Investigadora do Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa, Portugal (UIDB-FCT nº 03213 - <https://doi.org/10.54499/UID/03213/2025>)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2818-9699>

PALAVRAS-CHAVE:
Discurso Parlamentar
Português;
Gradação;
Ironia;
Sarcasmo;
Humor.

ARTIGO RECEBIDO A:
30/07/2025
ARTIGO APROVADO A:
08/12/2025

RESUMO: A ironia representa uma das figuras de retórica de predileção do discurso político, não apenas pelas suas dimensões ética e estética, no sentido aristotélico dos termos, mas igualmente pelo seu efeito patémico e por permitir ao locutor veicular um juízo de valor depreciativo de forma velada. No discurso parlamentar português e, em particular, no debate político parlamentar, a ironia assume-se como um dos mecanismos discursivos mais eficazes na argumentação, desconstruindo e invalidando o discurso do adversário político, ao mesmo tempo que mitiga o impacto da crítica na face dos oradores. A desqualificação do discurso e/ou do comportamento do outro (membro do Governo ou da Oposição) pode ostentar diversos graus de agressividade, oscilando entre enunciados humorísticos, irónicos e sarcásticos. Procuraremos, pois, demonstrar como se expressam esses diferentes graus de violência verbal num *corpus* constituído por excertos de alguns debates ocorridos na Assembleia da República portuguesa entre setembro de 2010 e maio de 2011. A partir da análise de segmentos discursivos em que a ironia, o sarcasmo e o humor assumem uma função argumentativo-persuasiva, mostraremos como as relações semânticas entre os três elementos se estabelecem num *continuum* de valores e de funções discursivas, assumindo, muitas vezes, formas híbridas, difíceis de destrinçar. Por fim, pretendemos contribuir para preencher uma lacuna no estudo das relações retórico-discursivas da ironia, do sarcasmo e do humor no debate parlamentar português.



The Gradation of Criticism in Portuguese Parliamentary Discourse: Between Irony, Sarcasm and Humour

ANA BRAZ

ana.braz@uab.pt

PhD in Language Sciences from the Universidade do Minho, Portugal, and in Portuguese, Brazilian, and Lusophone African Studies from Université Paris 8, France (2017)

Invited Assistant Professor at the Universidade Aberta, Portugal

Researcher at the Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa, Portugal (UIDB-FCT No. 03213 - <https://doi.org/10.54499/UID/03213/2025>)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2818-9699>

KEYWORDS:

Portuguese Parliamentary
Discourse;
Gradation;
Irony;
Sarcasm;
Humour.

ARTICLE RECEIVED ON:

07/30/2025

ARTICLE ACCEPTED ON:

12/08/2025

ABSTRACT: Irony is one of the preferred rhetorical devices in political discourse, not only due to its ethical and aesthetic dimensions, in the Aristotelian sense of the terms, but also because of its emotional impact and its ability to allow the speaker to convey a disparaging value judgement in a veiled way. In Portuguese parliamentary discourse and, in particular, in parliamentary political debate, irony is one of the most effective discursive mechanisms in argumentation, deconstructing and invalidating the political opponent's discourse while simultaneously softening the impact of criticism on the speaker's face. The disqualification of the other's discourse and/or behaviour (whether a member of the Government or of the Opposition) may display varying degrees of aggressiveness, ranging from humorous to ironic statements and sarcastic ones. We shall therefore seek to demonstrate how these different degrees of verbal violence are expressed in a *corpus* consisting of excerpts from several debates held in the Portuguese Parliament between September 2010 and May 2011. Through the analysis of discursive segments in which irony, sarcasm, and humour perform an argumentative-persuasive function, we show how the semantic relationships between the three elements are established along a *continuum* of values and discursive functions, often taking on hybrid forms that are difficult to disentangle. Finally, we aim to contribute to addressing a gap in the study of the rhetorical-discursive relations of irony, sarcasm, and humor in Portuguese parliamentary debate.



INTRODUÇÃO

O presente estudo inscreve-se no âmbito da Análise do Discurso e procura mostrar como a agressividade verbal no Parlamento português encontra na ironia, no sarcasmo e, em menor grau, no humor uma forma de expressão bastante eficaz. Baseando-nos fundamentalmente nas contribuições de Charaudeau sobre o discurso político (2005), a ironia (2013) e o humor (2006, 2015), assim como nos estudos de Kerbrat-Orecchioni (1980, 2011) e de Rabatel (2012, 2013a e 2013b) sobre os fenómenos retórico-discursivos citados, revelaremos como as relações semânticas que estabelecem entre si se situam numa escala contínua de agressividade. Dos 75 Diários da Assembleia da República consultados¹, seleccionámos os excertos em que o recurso à ironia, ao sarcasmo e ao humor serviam claramente o propósito da depreciação.

A crítica, veiculada através da ironia, do sarcasmo e do humor, reforça a argumentação e produz um forte efeito perlocutório. A ironia possui duas principais funções discursivas: desqualificar um alocutário ou um terceiro ou, mais raramente, elogiá-lo. Debruçar-se sobre estas duas grandes finalidades discursivas da ironia implica estudar as relações complexas de contiguidade semântico-pragmático-discursiva que estabelece com conceitos próximos como o sarcasmo e o humor. Começaremos por nos centrar na ironia claramente depreciativa, em que a mesma se pode confundir com o sarcasmo, focando-nos de seguida na ironia menos agressiva, em que se combina com o humor.

1. Os Diários da Assembleia da República portuguesa estão disponíveis no seguinte endereço:
<https://www.parlamento.pt/DAR/Paginas/default.aspx>

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

De forma sintética, poderemos definir a ironia como um fenómeno discursivo altamente dependente das coordenadas comunicativas situacionais, de fatores contextuais (tais como o perfil e o papel do locutor e dos alocutários, dos destinatários; o objetivo ilocutório; a memória discursiva, etc.) e dos géneros discursivos, que consiste em veicular um juízo de valor, frequentemente desfavorável, de forma implícita, através de uma formulação positiva, com o propósito de desqualificar algo ou alguém. No enunciado irónico prototípico, os significados explícito e implícito opõem-se, sendo o grau de oposição semântico-pragmática variável². Quando a relação é de oposição estrita ou antonímica, a ironia é qualificada de «antifrástica» (cf. Kerbrat-Orecchioni, 1980), assumindo a sua forma extrema. Nestes casos, os valores semânticos (implícito e explícito) estabelecem uma relação de contradição e os valores ilocutórios revelam-se incompatíveis. As definições de sarcasmo são, não raras vezes, imprecisas e circulares. Para Amante (1981, p. 78), o sarcasmo é a forma de ironia mais clara e direta. Segundo Schoentjes (2001, pp. 228-229), o sarcasmo pode ser explícito, sendo sempre mais grosseiro do que a ironia, pois é mais claro e malicioso³. Charaudeau (2006, p. 30) distingue também o sarcasmo da ironia, considerando, tal como Schoentjes (2001), que o sarcasmo é sempre negativo, recorrendo a uma “hiperbolização do negativo”. O humor é um conceito amplo que se realiza discursivamente por uma multiplicidade de formas. Recorrendo ao absurdo, ao insólito, ao ridículo, ao inesperado e ao efeito de surpresa, o humor produz um efeito cómico que desencadeia o riso, alivia as tensões e exorciza o medo. Possui uma função lúdica, subversiva e corretiva ou pedagógica.

2. Vd. Braz (2018) para um estudo mais detalhado dos enunciados irónicos, nomeadamente dos seus vários graus de implicação.

3. Schoentjes (2001, pp. 228-229): « Le sarcasme direct marque un niveau de critique supplémentaire à celui de l’ironie corrective et, dans la mesure où il ne fait plus de détours, il est souvent confondu avec l’invective ou l’insulte ».

O discurso parlamentar representa um género discursivo do discurso político. Na senda de Hernández Bayter (2014, p. 253), entendemos por discurso político qualquer discurso pro-

nunciado pelos profissionais da política (Presidente da República, Primeiro-Ministro, Ministros, Secretários de Estado, Deputados, etc.) num espaço institucional ou não, e no âmbito do exercício das suas funções. O discurso político é essencialmente argumentativo e persuasivo, procurando agir sobre as opiniões e sobre os comportamentos do auditório. De acordo com Charaudeau (2005, p. 42-49), o discurso político representa uma prática social que circula num espaço público composto por quatro instâncias: a instância política (os atores políticos, que governam e decidem), que pressupõe a existência de uma instância adversária (composta pelos atores políticos que não estão num lugar de governação); a instância mediática (intermediária entre os políticos e os cidadãos e que desempenha um papel cada vez mais relevante nas sociedades, influenciando as opiniões na forma como transmite e seleciona a informação), e a instância cidadã, cuja opinião é moldada pelas instâncias precedentes. O discurso político visa agir sobre as crenças e os comportamentos dos destinatários, sendo fundamentalmente argumentativo e persuasivo. Ora, a ironia é justamente uma figura de retórica com uma dimensão persuasiva não negligenciável, cujas potencialidades discursivas são estrategicamente exploradas pelos políticos, nomeadamente a sua força argumentativa, que advém do seu valor patémico (desperta paixões, comove), ético (projetando uma determinada imagem do locutor), cognitivo (apelando à razão), e estético (tendo como efeito perlocutório seduzir o auditório). No discurso político, os conteúdos implícitos, a sugestão e a insinuação proliferam, permitindo a ironia veicular um determinado juízo de valor sem o locutor assumir a sua responsabilidade enunciativa. Assim, baseado na ambiguidade interpretativa que a ironia institui, o locutor pode contestar a imputação de um ataque ao adversário. A crítica irónica escapa mais facilmente à contestação ou à refutação, pois o que não é dito de forma explícita é mais dificilmente refutável.

4. O debate de interpeção ao Governo; o debate de urgência; o debate quinzenal com o Primeiro-Ministro; o debate sobre o estado da Nação; o debate de atualidade; o debate temático, e a discussão sobre um projeto ou sobre uma proposta de lei ilustram alguns dos subgéneros discursivos do discurso parlamentar português.

O Parlamento é o espaço por excelência do debate de ideias e da fiscalização da atividade do Governo, através dos quais cada grupo político procura exercer o seu poder. O discurso parlamentar é um discurso bastante formal e ritualizado, onde a luta pelo poder determina a natureza predominantemente agonal das trocas verbais, cuja agressividade é circunscrita pelas normas restritas de conduta verbal definidas no Regimento da Assembleia da República. A ironia, enquanto mecanismo de desqualificação implícita do alocutário, permite conciliar o respeito pelos códigos de comportamento verbal impostos – que sancionam o insulto – e o propósito de descreditar o adversário político. O discurso parlamentar divide-se em vários subgéneros discursivos⁴, assumindo predominantemente a forma de debate. O debate é um género intrinsecamente dialógico, pressupondo o confronto de ideias divergentes, e polifónico, onde várias vozes dissonantes se manifestam e se sobrepõem.

O nosso *corpus* de análise é constituído por excertos dos debates ocorridos na Assembleia da República portuguesa (transcritos nos Diários da Assembleia da República) entre setembro de 2010 e maio de 2011, correspondendo à segunda sessão legislativa (2010-2011) da XIª legislatura (2009-2011). A opção por este período político justifica-se pelo facto de coincidir com um momento particularmente conturbado a nível político, social e económico. O país atravessou uma grave crise económico-financeira que criou instabilidade política, tendo por consequência a demissão do Governo. Assim, formulámos a hipótese de que num momento de grande agitação sócio-político-financeira, as trocas verbais no Parlamento seriam fortemente marcadas pela polémica e pela agressividade verbal, constituindo a ironia, o sarcasmo e o humor formas de expressão da divergência de opiniões e da agressividade. Na sequência da leitura integral dos 75 Diários da Assembleia da República correspondentes ao período indicado, seleccionámos manualmente os excertos de ocorrência de ironia, sarcasmo e humor com base na nossa conceção dos conceitos em apreço; no nosso saber enciclopédico; no nosso

conhecimento da realidade política, económica e sociocultural do país; no contexto discursivo, assim como nos índices verbais e não verbais de ironia⁵.

2. A IRONIA DEPRECIATIVA

A função depreciativa da ironia é consensual, sendo a crítica irónica tipicamente pejorativa. O locutor veicula um ato de fala depreciativo aparentando elogiar⁶. Corresponde à célebre fórmula anglófona *blame by praise* (Bryant e Fox Tree, 2002, p. 101) que traduz a orientação axiológica negativa do enunciado irónico. Esta função da ironia está muito presente nas interações agonais típicas do debate parlamentar, um subgénero discursivo em que a polemicidade e a seriedade dos assuntos em debate se evidenciam.

2.1. IRONIA E SARCASMO

A tradição retórica não é clara no que diz respeito à distinção entre ironia e sarcasmo e alguns estudos anglófonos, por exemplo Gibbs (1986), Jorgensen (1996), e Fein *et al.* (2015), empregam os dois termos como equivalentes. O sarcasmo e a ironia são noções concebidas como próximas há séculos, tal como Knox (1961, p. 10) refere: « In the rhetorics of the Renaissance especially (...) *Sarcasm* was also considered to be very near in meaning to *irony* ». Littman e Mey (1991) sublinham as relações estreitas entre ironia e sarcasmo, definindo este último como um meio linguístico de ferir e insultar o alocutário. Charaudeau (2011, p. 34) aponta outra diferença entre os dois conceitos: « Dans la raillerie, il n'y a pas à proprement parler de discordance entre le dit et le pensé comme dans l'ironie », « dans le sarcasme, pensé et dit sont tous les deux polarisés négativement »⁷. As posições teóricas são, como se vê, diversas no que diz respeito às duas noções em questão, assim como às relações que estabelecem entre si, o que dá uma ideia da complexidade dos fenómenos em análise.

5. Nos casos em que havia dúvidas na interpretação dos enunciados, recorremos aos vídeos das sessões parlamentares que nos permitiram confirmar ou infirmar a nossa leitura através da consideração dos índices prosódicos e mimogestuais que acompanham as locuções.

6. Kerbrat-Orecchioni (1978, p. 12): « (...) l'ironie consiste généralement à décrire en termes valorisants une réalité qu'il s'agit de dévaloriser ».

7. Rabatel (2013b, p. 100) partilha essa visão: « Dans le sarcasme, le dit et le pensé sont tous les deux hyperbolisés et polarisés négativement ».

Podemos concluir que o sarcasmo é sempre ofensivo e que a crítica nele veiculada é invariavelmente muito virulenta, enquanto que na ironia a crítica pode ser mitigada, ostentando um menor grau de agressividade. A diferença entre o sarcasmo e a ironia seria então uma questão de grau de violência no julgamento depreciativo que ambos veiculam, sabendo que a ironia pode ser bastante severa e confundir-se com o sarcasmo. A avaliação negativa será, apesar dessa proximidade, mais acentuada no sarcasmo, que é extremamente cáustico e procura ofender abertamente. Outra diferença entre sarcasmo e ironia prende-se com os graus de implicitação e de explicitação da crítica, sendo esta mais manifesta no sarcasmo⁸. Mesmo que, por vezes, a ironia e o sarcasmo se sobreponham e se confundam, a ironia não é sempre sarcástica e o sarcasmo pode não recorrer à ironia⁹.

8. Para Kerbrat-Orecchioni (2011), o sarcasmo é uma forma de agressividade verbal mais direta do que a ironia.

9. Cf. Kreuz e Glucksberg (1989, p. 374): « People can use verbal irony without being sarcastic and can also be sarcastic without being ironic ».

Os seguintes excertos ilustram a amplificação explícita do julgamento negativo:

(1) O Sr. **Adão Silva** (PSD): — (...) Feito sem ponderação, fomentando as maiores injustiças e as mais atrozes iniquidades, este despacho é o exemplo mais eloquente do alcance magnífico do Estado social a que José Sócrates e os seus ministros e secretários de Estado entoam hinos de louvor: pagam todos e, quem não puder pagar, paciência, não terá tratamentos de seguimento para uma doença oncológica, porque os IPO ficam a centenas de quilómetros (...).

(DAR nº 39, 15/01/2011, p. 8)

No exemplo (1), a apreciação extremamente negativa que o locutor faz do comportamento do Primeiro Ministro e do seu governo recorre tanto à ironia quanto ao sarcasmo. O enunciado inicia-se por uma crítica explícita e severa que se sustenta numa linguagem hiperbólica, exprimindo o alto grau. Veja-se o emprego do adjetivo «maiores», no grau superlativo, do adjetivo «atrozes» e dos substantivos «injustiças» e «iniquidades», todos termos axiologicamente negativos. A anteposição dos adjetivos e a repetição do advérbio de intensidade «mais» acen-tuam igualmente a avaliação desfavorável. A crítica prossegue através de um julgamento iróni-

co, em que o adjetivo altamente valorativo «magnífico» e a expressão positiva «entoam hinos de louvor» devem ser interpretados de forma antonímica. Na última parte do excerto, o locutor enuncia o que considera serem as consequências cruéis do despacho criticado. Tratando-se de um assunto grave e sério (o acesso aos serviços de saúde), o deputado chama a atenção para a gravidade da situação, nomeadamente por meio do comentário irónico metadiscursivo «paciência», que finge endossar.

(2) A Sr.^a **Heloísa Apolónia** (Os Verdes): — Sr. Presidente, vou tratar de cuidar muito da minha linguagem,...

Risos do PS.

... porque o Sr. Primeiro-Ministro, hoje, está muito ofendido e muito sensível e eu não quero martirizar ninguém, nem que ninguém saia daqui frustrado pelo facto de ter ouvido alguma coisa que o poderia, enfim, sei lá, levar a «mau porto».

Sr. Primeiro-Ministro, acontece que a minha linguagem está muito coadunada com a acção deste Governo. É má, não é, Sr. Primeiro-Ministro?! Pois é! É isso que as pessoas sentem.

(DAR nº 50, 11/02/2011, p. 37)

Tal como no exemplo precedente, em (2), a ironia e o sarcasmo conjugam-se para otimizar o ataque ao adversário. Um tom de zombaria e escárnio marca todo o segmento discursivo. O excerto inicia-se por um ato de fala promissivo não sincero, ao qual se sucede uma formulação hiperbólica («eu não quero martirizar ninguém») que acentua a ridicularização do Primeiro Ministro, e que é antecedido por um ataque *ad hominem* explícito («o Sr. Primeiro-Ministro, hoje, está muito ofendido e muito sensível»). A locutora adota, de seguida, um tom sério e sarcástico, dirigindo-se diretamente ao seu alocutário e interpelando-o através de uma pergunta retórica que visa provocar e ampliar o ataque. A pergunta retórica simula um diálogo, mas é agressiva, dado que não dá ao alocutário a possibilidade de negar ou contestar o seu conteúdo, possuindo uma grande força argumentativa.

Vejamos ainda os dois exemplos seguintes que associam igualmente o sarcasmo e a ironia na depreciação do outro.

(3) O Sr. **Primeiro-Ministro**: — (...) ... isto já para não falar na elegância daquele líder político que, nas eleições, como se lembram, para justificar o seu resultado, disse que tinham atingido um grande objectivo, que era o de pôr fora do Governo a Dr.^a Maria de Lurdes Rodrigues.

Acho espantosa a fineza de um líder político que a única coisa que se lembrou de dizer aos seus leitores [SIC] não foi que definia um objectivo para o País e que lhe deram um mandato para o prosseguir mas, sim, que o mandato que lhe deram foi para agir contra uma pessoa. Que categoria pessoal que esse líder político revelou!...

Aplausos do PS.

Que sectarismo! Que estreiteza! Já para não falar da elegância!...

(DAR nº 29, 11/12/2010, p. 37)

No exemplo (3), o locutor faz uma crítica corrosiva do adversário político, oscilando entre apreciações positivas irónicas (que se apoiam fundamentalmente nas expressões «elegância», «fineza» e «categoria pessoal») e juízos de valor pejorativos explícitos. Os comentários sarcásticos «Que sectarismo! Que estreiteza!» configuram uma crítica impiedosa, cuja violência se ancora na expressividade da repetição da estrutura sintáctica curta e incisiva (anáfora retórica) e no uso de substantivos com valor bastante negativo.

(4) O Sr. **Duarte Pacheco** (PSD): — Finalmente, Sr. Ministro, há poucos meses, foi o Sr. Ministro de Estado e das Finanças que, de uma forma inusitada, numa entrevista, falou de 7% como valor de referência para a entrada do Fundo Monetário Internacional.

Só há uma pergunta a fazer (para utilizar a linguagem de um colega seu do Grupo Parlamentar do PS): já estava a «salivar» quando deu essa entrevista?

(DAR nº 37, 13/01/2011, p. 50)

No exemplo (4), a avaliação depreciativa do Primeiro Ministro atinge o limite da ofensa na questão retórica final, que cria um efeito de humilhação através do exagero caricatural do comportamento atribuído ao alocutário, configurando um ataque *ad personam*.

2.1.1. A IRONIA “SARCÁSTICA”

Denominamos ironia «sarcástica» os enunciados irónicos em que o grau de agressividade da reprovação é particularmente elevado, tendo como função principal diminuir, ridicularizar e insultar o alvo da crítica. O adjetivo «sarcástica» prende-se com o facto de nestes casos de ironia mais áspera e mordaz, os mecanismos linguístico-discursivos e os efeitos da ironia se aparentarem aos do sarcasmo. A ironia torna-se, então, sarcástica quando a crítica se intensifica, como demonstraremos nos próximos exemplos.

(5) O Sr. **Sérgio Sousa Pinto** (PS): — (...) Mas, numa rara vénia à realidade, o Bloco descobriu a necessidade de uma resposta coordenada e supranacional à maior crise económica e financeira dos últimos 100 anos. É verdade que nem todos podem gabar-se da vossa perspicácia! Mas o Bloco detectou a crise e a urgência de uma resposta europeia. (...)

Vamos ao texto da moção de censura, cuja exegese deu direito a tanta coisa, a tantas notícias, no nosso País. Então, que diz o Bloco? O Bloco exige, exige e exige! É o que exige o Bloco? Exige um novo caminho! Exige uma viragem! Exige a solução do défice fiscal! Exige a solução do investimento criador de emprego! E, mais, exige a solução da recuperação da agricultura! Eis um programa rico de ideias! Eis uma alternativa fecunda para Portugal!

(DAR nº 62, 11/03/2011, p. 13)

No presente exemplo, a ironia contida nos enunciados aparentemente valorizantes adquire uma tonalidade sarcástica. O locutor multiplica os falsos elogios ao adversário político, cuja intensificação potencia o efeito de escárnio. Veja-se o recurso a lexemas de valor axiológico altamente positivo neste contexto discursivo, como «rara», «perspicácia», «rico» e «fecunda»,

assim como a repetição enfática da construção sintática («Eis (...) Eis (...)») que faz sobressair a apreciação do locutor no final do excerto. O locutor ridiculariza fortemente o Bloco de Esquerda, atribuindo-lhe um grande feito: ter encontrado uma solução para a maior crise económico-financeira dos últimos cem anos, que na verdade é uma evidência. O locutor descredita o adversário através de um discurso globalmente exagerado, adotando uma atitude de superioridade moral que procura ser uma demonstração de poder, fragilizando a simetria das relações discursivas¹⁰.

10. Dews *et al.* (1995, p. 348): « A speaker who delivers a criticism elevates his or her own status and/or puts down the status of the person being criticized ».

(6) O Sr. **José Manuel Pureza** (BE): — (...) PS e PSD entretiveram o País, nestes últimos dias, numa discussão de *alto interesse* semântico sobre se a carta do Governo à Comissão Europeia chegou a Bruxelas às 10 e 15 ou às 10 e um quarto. Mas, por trás dessa diferença, aliás de enorme importância, está o seu acordo essencial na política de desastre que é a dos PEC.

(DAR nº 67, 24/03/2011, p. 65)

Em (6), o Partido Socialista e o Partido Social Democrata são claramente ridicularizados em enunciados irónicos laudatórios que põem em causa o interesse da discussão estéril e ridícula realizada. A ridicularização assenta nomeadamente nos adjetivos intensificadores «alto» e «enorme», assim como nos substantivos de polaridade positiva «interesse» e «importância». Através de um discurso escarnecedor, como o comentário metadiscursivo «aliás de enorme importância», o locutor procura estabelecer uma conivência crítica com o público¹¹ em detrimento dos alvos a atingir, e até mesmo divertir o público e divertir-se às custas da vítima da sua apreciação.

11. Eggs (2008, p. 317): « la duplicité de l'ironie crée une complicité, voire une connivence spontanée et émotionnelle avec l'interlocuteur ».

No interior da crítica depreciativa, negativa ou «sarcástica», podemos encontrar vários graus de agressividade, desempenhando a prosódia um papel importante na identificação desses diferentes valores. Assim, no exemplo (7), a ironia parece menos agressiva do que nos excertos anteriores.

(7) O Sr. José Luís Ferreira (Os Verdes): — Sr.^a Presidente, Sr. Ministro, disse que pensava que vinha para um debate mais elevado do que aquele que está a decorrer. Ora, quero aqui sublinhar o contributo do Sr. Ministro para a elevação desse debate, porque em 12 minutos em que estive a responder às questões que lhe foram colocadas nem uma palavra disse sobre a ferrovia convencional, sobre o investimento na ferrovia convencional.

(DAR nº 6, 25/09/2010, p. 30)

No exemplo em análise, dado que o objeto do juízo de valor irónico (a qualidade da contribuição do discurso do ministro para o debate) não é um assunto de natureza grave, a violência da crítica irónica é menor do que nos exemplos precedentes. Nenhum adjetivo amplia o valor positivo do substantivo «contributo», sendo a desqualificação mais moderada.

Os enunciados 1 a 7 testemunham não só a afinidade entre o sarcasmo e a ironia no *corpus* em análise, como refletem também a existência de uma gradação na intensidade dos juízos de valor depreciativos.

3. A IRONIA DE COOPERAÇÃO

A ironia pode ter, para além da sua típica função desqualificadora, uma função positiva, através da qual o locutor elogia aparentando criticar (*praise by blame*)¹². A orientação axiológica do enunciado é, portanto, invertida em relação à orientação habitual: uma avaliação negativa veicula um juízo de valor positivo. Esta variante da ironia, em que se desvaloriza para sugerir um elogio é considerada pela retórica clássica uma figura por inteiro: o asteísmo¹³. À imagem de Charaudeau (2011), consideramos o asteísmo uma variante da ironia, dado que ambos partilham muitas propriedades. Quer no asteísmo, quer na ironia depreciativa, existem dois valores em concorrência (um explícito, outro implícito); a substituição de um sentido contextual mais pertinente; uma apreciação e uma finalidade crítica. Divergem na orientação argumentativa

12. Cf. Haverkate (1985, p. 364): «se da también el caso de que la aserción irónica sirve para expresar una valoración positiva».

13. Vivero García (2011, p. 48): « la rhétorique classique définit l'asteïsme comme un éloge détourné (...) visant à flatter ».

do enunciado e no seu efeito perlocutório (falsa censura, no caso do asteísmo e falso elogio, na ironia).

Esta função laudatória da ironia, embora seja menos frequente do que a ironia depreciativa, pode surgir em conversas informais do quotidiano, ocorrendo nomeadamente em trocas conversacionais entre interlocutores com relações de grande proximidade (entre familiares e amigos, por exemplo). A ironia laudatória ou positiva transgride, assim, aparentemente, as máximas conversacionais da qualidade e da delicadeza (*vd.* Grice, 1975). Não tendo como propósito depreciar o alocutário, e ocorrendo preferencialmente em situações de comunicação informal, a ironia não agressiva não tem o seu lugar no Parlamento, que se caracteriza pelo alto grau de formalidade e pela não cooperação conversacional. Deste modo, no *corpus* em análise não encontramos exemplos deste tipo de ironia. Não obstante, identificámos múltiplos segmentos discursivos em que a ironia, associada ao humor, se reveste de uma tonalidade menos agressiva do que a ironia sarcástica, ilustrando as diferentes nuances de sentido que pode adquirir. Apelidamos estes segmentos de «ironia humorística».

3.1. HUMOR E IRONIA

A noção de humor é um pouco vaga, resistindo a uma delimitação precisa. As suas definições são por vezes intuitivas, situando-se no cruzamento de categorias contíguas como o cómico, a paródia, o burlesco, a ironia, o grotesco ou a sátira. Na nossa tentativa de delimitar o humor, inspiramo-nos sobretudo nas propostas de Charaudeau (2006, 2011, 2013) e de Rabatel (2012, 2013a, 2013b), adotando o ponto de vista da Análise do Discurso.

Os enunciados humorísticos «puros» não possuem nuances de natureza ofensiva nem visam a agressividade¹⁴, não sendo a principal finalidade do humor atacar ou insultar o outro, con-

14. Rabatel (2013b, p. 99): « Ce caractère non sérieux de l'humour – proche de la parodie (...) – est sans doute ce qui le distingue le mieux de l'ironie ». « L'ironiste rit *de* sa cible, l'humoriste joue *avec* elle, adoptant une position de moquerie complice ».

trariamente à ironia. Não existe um alvo preciso, como na ironia, dado que o humor é essencialmente empático e conciliador, estabelecendo uma convivência lúdica entre os locutores. De acordo com Charaudeau (2013, p. 21), – que define quatro tipos de convivência (convivência lúdica, crítica, cínica e de escárnio) – a convivência lúdica supõe uma fusão emocional entre o autor e o recetor, a partilha de uma mesma mundivisão, de forma gratuita e lúdica, sem ter como principal finalidade expressar um juízo crítico. Rabatel (2012, 2013a, 2013b) parte da noção de postura enunciativa para caracterizar o humor e estabelecer as diferenças e as semelhanças entre humor e ironia. Assim, de acordo com o autor, o humorista adota uma atitude ou postura de sub-enunciação em relação ao que diz, enquanto que a atitude enunciativa do ironista é de sobre-enunciação¹⁵. Rabatel resume da seguinte forma as relações entre humor e ironia, na sua abordagem pragmático-enunciativa destes fenómenos linguísticos:

« ce qui unit humour et ironie, c'est un double jeu énonciatif à des fins de moquerie, de mise en boîte de l'autre. Ce qui les différencie, c'est la posture de sur-énonciation ou de sous-énonciation, en lien avec les autres que soi ou de soi, selon que l'ironiste ou l'humoriste adopte à leur égard un positionnement clivant, en extériorité, ou peu ou pas clivant, en intériorité » (Rabatel, 2013b, p. 109).

O humor produz um efeito cómico através do recurso ao paradoxal, ao insólito, ao ridículo, ao inesperado, ao efeito de surpresa ou ao incongruente. O humor verbal apoia-se em mecanismos linguísticos de índole lexical, sintática e semântica, cuja repetição e jogos de palavras recorrem à polissemia, à homonímia e à homofonia, proporcionando um certo prazer lúdico. O humor permite ao falante colocar-se em questão, pela sua função corretiva ou pedagógica, de acordo com a fórmula latina *ridendo castigat mores*. Através do riso, o humor faz refletir e mudar comportamentos. O humor comprometido, de contestação, possui um papel subversivo¹⁶, que põe em causa os discursos dominantes, os estereótipos, podendo reforçar ou alterar valores, regras sociais e morais, assim como as hierarquias. Segundo Rabatel (2013a, p. 38), o

15. Rabatel (2012, p. 69): « L'ironiste se met en extériorité pour juger, tandis que l'humoriste s'inclut dans le cercle de la critique ».

16. Para Vaillant (2016, p. 41), « le rire est toujours transgressif, joue avec l'interdit ».

discurso humorístico constrói uma visão desfasada do mundo, que se opõe às normas e às convenções, abordando por vezes assuntos tabu, que dessacraliza. Possui, portanto, uma função catártica em relação às normas sociais e aos constrangimentos do mundo.

Apesar das diferenças apontadas entre o humor e a ironia, os dois fenómenos linguísticos possuem muitas afinidades. Em primeiro lugar, são polimórficos (assumem diversas formas discursivas) e fugazes (escapam a uma definição estável)¹⁷, sendo a sua interpretação fortemente dependente do contexto de enunciação. Quanto mais informação, valores e experiências os interlocutores partilharem, mais adequadamente é compreendido, identificado e interpretado¹⁸. O humor e a ironia apresentam um desfasamento semântico-pragmático que favorece a dupla leitura do enunciado. Os locutores dos enunciados humorísticos e dos enunciados irónicos estabelecem um jogo enunciativo em que o locutor se distancia do que diz. Essa distância enunciativa possui uma função diferente num e noutra caso e obedece a objetivos ilocutórios distintos. O humor e a ironia descrevem situações absurdas e incongruentes pelos conteúdos proposicionais contraditórios que aproximam, invertendo as expectativas. Os mecanismos linguístico-discursivos do exagero, da ampliação, como a hipérbole, são privilegiados no humor e na ironia, podendo possuir uma função subversiva, de questionamento da doxa ou de outros discursos. O humor e a ironia são também mecanismos argumentativos que contribuem para a persuasão e para a sedução do auditório. Tal como a ironia, o humor pode manifestar-se de formas diversas, tais como a linguagem verbal, pictórica (desenhos humorísticos, caricaturas), mas igualmente através das situações (cómico de situação e ironia de situação). Tal como na ironia, o humor e os seus usos variam culturalmente, sendo diferentemente interpretados por locutores que não partilham o mesmo universo de referências.

Apesar de o humor não humilhante ou de solidariedade surgir apenas esporadicamente no debate parlamentar português, encontramos algumas ocorrências em trocas conversacionais menos tensas, das quais a agressividade está ausente. Vejamos os seguintes excertos:

17. Cf. Kerbrat-Orecchioni (2017, p. 146).

18. Raskin (1985, p. 6): « the speaker and hearer's shared experience plays an important role in humour ».

(8) O Sr. José Vera Jardim (PS): — Sr. Presidente, não a propósito da votação que acabámos de fazer, mas em relação à anterior, sobre o projecto de resolução n.º 448/XI (2.^a), queria informar a Mesa de que me abstive por não ter tido tempo de saber de que «Esgotamento» se tratava.

Risos.

Não sei se é o esgotamento dos poderes da Assembleia, se é o nosso próprio esgotamento ou se será outro esgotamento qualquer! Como não tive ocasião de ficar esclarecido, optei por me abster e queria que V. Ex.^a tomasse nota quanto a este problema de esgotamento que me atingiu também.

Risos.

(DAR nº 72, 07/04/2011, p. 37)

O locutor, que era então um dos vice-presidentes da Assembleia da República portuguesa, dirige-se ao presidente com um enunciado humorístico lúdico. O humor sustenta-se aqui na polissemia da palavra «esgotamento» que pode aplicar-se a vários domínios nocionais (mental, comercial, etc.), e na improbabilidade do esgotamento dos poderes da Assembleia. A situação absurda sugerida e o motivo invocado para a distração do locutor (o seu próprio esgotamento) despoletam o riso. Trata-se de votar a favor ou contra um projeto de resolução sobre o esgotamento das fontes de energia fóssil, apresentado pelo Partido Comunista. A ausência de agressividade na intervenção justifica-se em grande parte pelo papel institucional do locutor: não se trata de um deputado que se dirige ao seu rival político, instaurando uma situação de conflito verbal, mas antes de dois locutores (vice-presidente e presidente) que estão fora da esfera de discussão e de confronto político. Assim, sem se colocar numa posição de superioridade moral em relação ao outro, o locutor humorista deste excerto adota uma posição de escarnecimento cúmplice, nas palavras de Rabatel (2012, p. 69).

(9) O Sr. **Presidente** (Guilherme Silva): — Sr. Deputado, peço-lhe que conclua. Não lhe falta energia, mas falta-lhe tempo!

(DAR nº 38, 14/01/2011, p. 31)

No exemplo (9), o locutor recorre ao humor para atenuar a ameaça que o ato de fala diretivo («peço-lhe que conclua») constitui para a face do alocutário. A brincadeira verbal reduz o caráter sério da imposição. Explicando o contexto discursivo: o presidente tinha anteriormente insistido duas vezes para que o orador (o deputado do Partido Comunista, Agostinho Lopes) terminasse o seu discurso. Não obtendo reação ao seu pedido, muda de estratégia, produzindo um ato de fala humorístico que retoma o assunto da intervenção do deputado (os custos da energia). O locutor explora a polissemia da palavra «energia», utilizando-a numa aceção diferente (enquanto força, vigor, dinamismo ou vontade) daquela adotada pelo alocutário. A aproximação implícita entre estes dois domínios da realidade e o contraste entre o excesso de energia e a falta de tempo produzem um efeito de zombaria inofensiva.

O humor, no debate parlamentar, vem, então, amenizar as tensões e atenuar o registo sério do debate, marcado pela natureza dos assuntos em discussão e pela conflitualidade que marca a maioria das trocas verbais no hemiciclo. Segundo Marques (2013, pp. 62-63), o humor no debate parlamentar português « sert une stratégie de confrontation et de construction d'un ethos d'homme d'esprit intellectuellement stimulant ».

O recurso ao humor transmite uma imagem mais humana dos políticos, uma imagem de proximidade em relação aos cidadãos, podendo beneficiar o ethos dos primeiros. No entanto, o humor não é sempre inofensivo, podendo encerrar uma finalidade crítica, como se verifica nos exemplos seguintes:

(10) A Sr.^a **Cecília Honório** (BE): — Os senhores não podem vir cantar que têm dois amores: o Estado social, às segundas e terças-feiras, e o PSD, às quartas, quintas e sextas-feiras, ao sábado e ao domingo!

(DAR nº 4, 23/09/2010, p. 41)

Neste exemplo, a crítica endereçada ao governo assume a forma de um enunciado humorístico depreciativo. Para denunciar a inconstância do comportamento do governo, a locutora estabelece uma analogia inusitada entre duas realidades díspares (uma, muito séria: a política, e outra do domínio do divertimento e do espetáculo: a canção popular), o que produz um efeito cómico. A deputada alude a uma célebre canção popular dos anos 1980, interpretada pelo cantor português Marco Paulo, que se intitula «Eu tenho dois amores».

(11) O Sr. **José Gusmão** (BE): — Portanto, o debate que aqui estamos a fazer hoje é um filme que já tem muitas sequelas: José Sócrates mente ao País, parte 142.

Risos do Deputado do BE José Manuel Pureza.

(DAR nº 26, 03/12/2010, p. 25)

No exemplo (11), a metáfora insólita do debate político parlamentar como um filme com inúmeras sequelas cria um efeito humorístico com uma finalidade denunciadora. O locutor compara as declarações falsas do Primeiro Ministro a um filme, insinuando, pelo exagero da quantificação (142), que as mentiras são uma prática corrente da vítima da depreciação. A sobreavaliação do número de vezes em que o Primeiro Ministro mentiu tem um efeito duplo: por um lado, de comicidade, devido à precisão do valor indicado, por outro lado, de intensificação da crítica. A acusação grave de ter mentido aos cidadãos descredibiliza fortemente o Primeiro Ministro, afetando o seu *ethos*, nomeadamente o *ethos* de honestidade, fundamental na política, e pondo em causa a sua credibilidade. Estamos, portanto, perante um humor corrosivo,

ofensivo. O riso conivente do deputado José Manuel Pureza – que pertence ao grupo político do locutor – é a manifestação de um riso de superioridade, um riso desdenhoso (ri-se às custas da vítima da ofensa), que revela a partilha do ataque. O locutor tenta estabelecer uma relação de convívio com o auditório em detrimento da vítima.

Estes dois excertos comprovam que o humor é por vezes agressivo, servindo o julgamento depreciativo. Nestes casos, aproxima-se muito da ironia, podendo confundir-se com a mesma. Humor e ironia podem, portanto, recorrer aos mesmos mecanismos linguístico-discursivos e partilhar o mesmo objetivo, evidenciando as relações complexas que mantêm.

3.1.1. A IRONIA «HUMORÍSTICA»

Apelidamos de ironia «humorística» os casos em que a ironia, associada ao humor, se reveste de um tom menos agressivo, criando um efeito lúdico-depreciativo. Nestas situações, a crítica mordaz da ironia combina-se com a zombaria cúmplice do humor. No *corpus* em análise, existem enunciados irónicos que se situam tendencialmente no polo do sarcasmo e outros que se posicionam perto do polo do humor, sendo mais ou menos agressivos ou mais ou menos cooperativos. De acordo com Charaudeau (2011, p. 40), um mesmo ato irónico pode produzir um efeito lúdico, de crítica suave ou de agressão cínica, de ridicularização, em função da natureza da relação estabelecida entre locutor e recetor, em função também do conteúdo proposicional da apreciação e de acordo com a seriedade do assunto em discussão.

Os três exemplos seguintes representam enunciados ironico-humorísticos, em que a crítica irónica é suavizada pela componente humorística que subjaz aos juízos de valor.

(12) O Sr. **José Luís Ferreira** (Os Verdes): — (...) Em terceiro lugar, vieram as limitações no transporte dos doentes. Se calhar, para não aborrecer os mercados, o Governo virou-se para os doentes e simplesmente aconselhou-os a irem de táxi ou a pé para o hospital.

(DAR nº 73, 21/04/2011, p. 20)

A agressividade deste segmento discursivo é mitigada pelo efeito humorístico que o carácter despropositado da situação sugerida produz (dificilmente concebemos que alguém com problemas de saúde, e que vive longe do hospital, possa deslocar-se a pé ou pagar um táxi para fazer os seus tratamentos, não tendo capacidade financeira, o que corresponde a uma grande parte dos utentes do serviço nacional público de saúde em Portugal). O locutor modaliza o seu discurso através da locução adverbial de dúvida «Se calhar», mostrando não o endossar completamente, o que lhe permite estabelecer uma certa distância enunciativa em relação à hipótese absurda que enuncia. O governo é, então, acusado de privilegiar o interesse financeiro em detrimento da saúde dos doentes, numa recriminação, que apesar da gravidade do assunto, adquire uma tonalidade humorística.

(13) O Sr. **Pedro Filipe Soares** (BE): — (...) Mas voltemos ao centro do debate, que diz respeito à acção do Governo relativamente ao sector empresarial do Estado e às escolhas que é necessário fazer no País neste cenário de crise. Aqui, a prestação do Sr. Ministro das Finanças é clarificadora sobre aquela que é a vontade do Governo. Afinal, ficámos a saber que, orgulhoso, o Ministro das Finanças, quando se levanta, de manhã, olha-se ao espelho e pergunta: «Espelho meu, espelho meu, há alguém que privatize mais do que eu?». E, orgulhoso com a resposta, o Sr. Ministro ouve o espelho dizer-lhe que não, que ele é o campeão das privatizações.

(DAR nº 44, 28/01/2011, p. 35)

No exemplo (13), o locutor denuncia a tendência do governo, e em particular do Ministro das Finanças, para a privatização, num enunciado paródico que ridiculariza o adversário político. Explorando a dimensão humorística de um discurso que o locutor atribui ao ministro referido, e que constitui um jogo intertextual com uma célebre passagem do conto da literatura infantil «Branca de Neve e os sete anões», o deputado da oposição ridiculariza o seu alvo, inferiorizando-o. Ao fazê-lo, coloca-se a si mesmo numa posição de superioridade moral ou de sobre-enunciação em relação ao alocutário, que deprecia, não só por privatizar muito, mas também por se sentir orgulhoso de o fazer (veja-se a repetição do adjetivo «orgulhoso»). O falso ato de fala lisonjeador, assente no substantivo «campeão», extremamente valorativo, torna a apreciação excessiva, produzindo um efeito humorístico que suscita o riso. A descrição de uma situação insólita (espelhos que falam com o ministro), do domínio do fantástico, contribui para atenuar a agressividade da crítica, tornando-a menos mordaz.

(14) O Sr. **Primeiro-Ministro**: — (...) Compreendo aqueles que gostam apenas de gestos dramáticos — aliás, imitando outros, e lembro-me bem de Aznar com Gonzalez: «*Váyase, Sr. Primeiro-Ministro!*»...

O Sr. **Pedro Mota Soares** (CDS-PP): — O seu castelhano está muito melhor, Sr. Primeiro-Ministro!

(DAR nº 8, 1/10/2010, p. 40)

Este último excerto é constituído por uma breve troca verbal entre dois locutores, em que o enunciado do deputado Pedro Mota Soares representa a sua reação à crítica violenta que o Primeiro Ministro dirige ao grupo parlamentar do partido CDS-PP por ter incitado o governo a demitir-se. O Primeiro Ministro invoca no seu discurso uma situação similar: a célebre exortação de José María Aznar (líder da oposição em Espanha na altura dos acontecimentos) ao Primeiro Ministro espanhol, Felipe González «*Vayase, señor González*». O comentário irónico

do alocutário anula a seriedade da crítica do Primeiro Ministro, adicionando uma nota de humor ao enunciado pela sua total incongruência, pelo seu caráter despropositado. Falar bem castelhano é completamente acessório para o assunto em debate. O elogio produz, portanto, um efeito humorístico que tem um finalidade depreciativa. Responder a um enunciado fortemente pejorativo através de um enunciado humorístico atenua o grau de conflitualidade da interação verbal e anula o seu efeito desqualificador.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os exemplos analisados ilustram os efeitos discursivos originados pela associação da ironia, do sarcasmo e do humor. O resultado da análise dos excertos em que ironia e sarcasmo se conjugam evidencia que os dois conceitos são mecanismos discursivos de agressividade que partilham a mesma finalidade de desqualificação e que visam sempre uma vítima. Sarcasmo e ironia combinam-se muito frequentemente no discurso político de modo a tornar o julgamento mais feroz, confundindo-se por vezes. Estas formas discursivas complexas estão presentes no contexto enunciativo fortemente confrontacional, típico do debate parlamentar, que põe em cena uma verdadeira retórica da difamação. Por seu lado, a atenuação da crítica na ironia «humorística» ostenta, à imagem do que acontece com a ironia «sarcástica», diferentes graus. O valor lúdico da ironia «humorística» é muito apreciado pelos políticos, que recorrem com frequência a jogos de linguagem, permitindo projetar de si uma imagem bastante positiva (descontração, humanidade, inteligência). A ironia humorística não é só sentida como menos negativa do que a ironia sarcástica, como também permite divertir o público, correndo, no entanto, alguns riscos, como nota Charaudeau (2005, p. 79):

(..) l' énonciation humoristique est délicate à manier dans un contexte politique, du fait que le citoyen s' attend *a priori* à ce que celui-ci se tienne un discours sérieux. Un excès d' humour, de répliques d' ironie ou de dérision risquerait de faire passer l' orateur pour frivole ou cynique (...). Cependant, lorsqu' elle réussit et qu' elle fait mouche, l' énonciation humoristique met les rieurs du côté de l' orateur, construit en faveur de celui-ci un ethos d' « intelligence » qui en appelle à la complicité de l' auditoire et peut être destructrice pour l' adversaire.

19. Bonnafous (2001, p. 57): « la frontière entre injures et mots d'esprit ou jeux de mots peut être parfois extrêmement ténue et mobile et que l' « effet injure » ou l' « effet dérision » dépendent largement du contexte, de l'intention que l'on peut prêter ou non à l' auteur, de la réaction de la personne cible, de l' attitude des auditeurs et de leur appartenance ou non au monde social ou idéologique de l' auteur, etc. ».

Concluimos, pois, que a diferença entre a ironia «sarcástica» e a ironia «humorística» nem sempre é muito acentuada¹⁹, dado que a finalidade depreciativa da ironia é transversal a estas diferentes configurações discursivas. O juízo de valor é uma constante, variando o grau de agressividade da crítica, mais forte na ironia sarcástica e mais moderado na ironia humorística. Como Charaudeau (2011, p. 32) afirma, « l' ironie est un procédé discursif polarisé, à effet global *dysphorique* ou *euphorique*, désapprobateur ou approbateur, réprobateur ou flatteur ». A ironia pode, portanto, ferir ou divertir, apresentando um efeito disfórico ou eufórico, de aprovação ou de desaprovação. Para além da relação de continuidade semântica existente entre a agressividade da ironia sarcástica e a da ironia humorística, no interior de cada uma destas categorias existe uma oscilação no grau de agressividade. Subscrevemos Rabatel (2012, p. 48) quando afirma que o auge da ironia seria o sarcasmo, forma em que atinge o ponto máximo de agressividade. Defendemos, por conseguinte, a existência de um *continuum* entre as diferentes funções discursivas da ironia descritas. A figura 1 procura mostrar que a ironia pode ser entendida como uma forma intermédia entre o sarcasmo (mais agressivo) e o humor (mais clemente). Pode situar-se mais no extremo esquerdo ou no polo direito da escala de agressividade, originando formas discursivas híbridas que apelidámos de ironia «sarcástica» e ironia «humorística», respetivamente. A declaração de Hamon (1996, p. 46) ilustra o nosso ponto de vista: « Entre ces deux pôles, qui ne sont que des « points-limites » théoriques, et dont aucun n' est incompatible avec l' autre, se situeraient tous les degrés de l' ironie ».

REFERÊNCIAS

- Amante, D. (1981). The theory of ironic speech acts. *Poetics Today*, 2(2), 77-96.
- Bonnafeuf, S. (2001). L'arme de la dérision chez J.-M. Le Pen. *Hermès*, 1(29), 53-63. <https://shs.cairn.info/revue-hermes-la-revue-2001-1-page-53?lang=fr>
- Braz, A. (2018). *L'ironie dans le discours parlementaire portugais: degrés d'implicitation, indices linguistiques et stratégies discursives*. Atelier National de Reproduction des Thèses. https://catalogo-bib.parlamento.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1W39811L58X71.304&limitbox_1=BC01+%3D+DO-CELE&menu=tab32&aspect=pesq-colec-docdig&npp=20&ipp=20&spp=20&profile=bar&ri=1&source=%7E%21bar&index=.GW&term=ironie&x=0&y=0&aspect=pesq-colec-docdig
- Bryant, G. e Fox Tree, J. (2002). Recognizing verbal irony in spontaneous speech. *Metaphor and Symbol*, 17(2), 99-117.
- Charaudeau, P. (2005). *Le discours politique : les masques du pouvoir*. Vuibert.
- _____(2006). Des catégories pour l'humour ? *Questions de Communication*, 10, 19-41.
- _____(2011). Des catégories pour l'humour. Précisions, rectification, compléments. In M. D. Vivero García (Dir.), *Humour et crises sociales. Regards croisés France-Espagne* (pp. 9-43). L'Harmattan,
- _____(2013). De l'ironie à l'absurde et des catégories aux effets. In M. D. Vivero García (Dir.), *Frontières de l'humour* (pp. 13-26). L'Harmattan.
- _____(ed.) (2015). *Humour et engagement politique*. Lambert-Lucas.
- Dews, S. et al. (1995). Why not say it directly? The social functions of irony. *Discourse Processes*, 19, 347-367.
- Eggs, E. (2008). Le pathos dans le discours - exclamation, reproche, ironie. In M. Rinn (Dir.), *Émotions et discours. L'usage des passions dans la langue* (pp. 291-320). PUR.
- Fein, O. et al. (2015). On the priority of salience-based interpretations: the case of sarcastic irony. *Intercultural Pragmatics*, 12(1), 1-32.
- Gibbs, R. (1986). On the psycholinguistics of sarcasm. *Journal of Experimental Psychology: General*, 115(1), 3-15.
- Grice, H. P. (1975). Logic and conversation. In P. Cole e J. L. Morgan (Ed.), *Syntax and semantics* (pp. 41-58), vol. III, Speech Acts. Academic Press.
- Hamon, P. (1996). *L'ironie littéraire*. Hachette.

Haverkate, H. (1985). La ironía verbal: un análisis pragmatológico. *Revista Española de Lingüística*, 15(2), 343-391.

Hernández Bayter, H. (2014). Pour une approche phraséologique du discours politique, le cas du discours de l'ex-président colombien Alvaro Uribe Velez. In D. Banks (org.), *Aspects linguistiques du texte politique* (pp. 251-271). L'Harmattan.

Jorgensen, J. (1996). The functions of sarcastic irony in speech. *Journal of Pragmatics*, 26, 613-634.

Kerbrat-Orecchioni, C. (1978). Problèmes de l'ironie. *L'ironie. Linguistique & Sémiologie*, 2 *Travaux du Centre de recherches linguistiques et sémiologiques de Lyon* 2, 10-46.

_____(1980). L'ironie comme trope. *Poétique: Revue de Théorie et d'Analyse Littéraires*, 41, 108-127.

_____(2011). De la connivence ludique à la connivence critique: jeux de mots et ironie dans les titres de Libération. In M. D. Vivero García (Dir.), *Humour et crises sociales. Regards croisés France-Espagne* (pp. 117-150). L'Harmattan.

_____(2017). *Les débats de l'entre-deux-tours des élections présidentielles françaises. Constantes et évolutions d'un genre*. L'Harmattan.

Knox, N. (1961). *The word irony and its context, 1500-1755*. Duke University Press.

Kreuz, R. e Glucksberg, S. (1989). How to be sarcastic: the echoic reminder theory of verbal irony. *Journal of Experimental Psychology: General*, 118(4), 374-386.

Littman, D. e Mey, J. (1991). The nature of irony: toward a computational model of irony. *Journal of Pragmatics*, 15, 131-151.

Marques, M. A. (2013). Politique, humour et campagne électorale. Les enjeux d'une politique-spectacle. *Mots. Les Langages du Politique*, 101, 61-75. <https://doi.org/10.4000/mots.21146>

Rabatel, A. (2012). Ironie et sur-énonciation. *Vox Romanica*, 71, 42-76.

_____(2013a). Humour et sous-énonciation (vs ironie et sur-énonciation). *L'Information Grammaticale*, 137, 36-42. https://www.persee.fr/doc/igram_0222-9838_2013_num_137_1_4252

_____(2013b). Humour et sous-énonciation. In M. D. Vivero García (Dir.), *Frontières de l'humour* (pp. 91-110). L'Harmattan.

Raskin, V. (1985). *Semantic mechanisms of humour*. Reidel.

Schoentjes, P. (2001). *Poétique de l'ironie*. Éditions du Seuil.

Vaillant, A. (2016). *La civilisation du rire*. CNRS éditions.

Vivero García, M. D. (2011). L'ironie, le sarcasme, l'insolite... peuvent-ils bousculer les valeurs dominantes ? In M. D. Vivero García (Dir.), *Humour et crises sociales. Regards croisés France-Espagne* (pp. 45-56). L'Harmattan.

